

## ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL EM PERSPECTIVA INTERNACIONAL: EMERGÊNCIAS, POTENCIALIDADES E DESAFIOS

**Dra. Patrícia Correia de Paula Marcoccia**  0000-0001-5407-7685  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

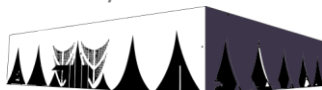
**RESUMO:** Este texto apresenta e problematiza as emergências, potencialidades e desafios do Estágio Pós-Doutoral em perspectiva internacional, com base na vivência da pesquisadora, a qual realizou parte do seu estudo na Índia. No que se refere às emergências, investiga-se para onde se encaminham as pesquisas de cunho internacional e se estão comprometidas com uma integração solidária entre os países. Quanto aos desafios, ressalta-se uma política de internacionalização baseada na solidariedade, o financiamento da pós-graduação, sobretudo as bolsas institucionais, o acesso às revistas internacionais, a formação de pesquisadores em línguas estrangeiras e as disciplinas em outros idiomas. As potencialidades do pós-doutorado no exterior se expressam por meio de redes de pesquisa de cunho internacional, projetos, grupos de estudo, publicações coletivas, organizações de dossiês, participação em seminários e a mobilidade acadêmica, a qual propicia um relacionamento com diversas culturas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estágio Pós-Doutoral; Pesquisa; Internacionalização.

## POST-DOCTORAL INTERNSHIP IN AN INTERNATIONAL PERSPECTIVE: EMERGENCIES, POTENTIALITIES AND CHALLENGES

**ABSTRACT:** This text presents and problematizes the emergencies, potentialities and challenges of the Post-Doctoral Internship from an international perspective, based on the experience of the researcher, who carried out part of her study in India. With regard to emergencies, it is investigated where research of an international nature is headed and whether they are committed to solidary integration between countries. As for the challenges, an internationalization policy based on solidarity, the financing of Postgraduate Studies, especially institutional scholarships, access to international magazines, is highlighted, the training of researchers in foreign languages and disciplines in other languages. The potential of postdoctoral studies abroad is expressed through research networks of an international nature, projects, study groups, collective publications, dossier organizations, participation in seminars and academic mobility, which provides a relationship with different cultures.

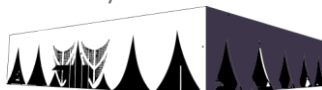
**KEYWORDS:** Post-Doctoral Internship; Research; Internationalization.



## 1 INTRODUÇÃO

Este texto foi escrito para a mesa intitulada “Socializando vivências: as diversas condições de pesquisa no Estágio Pós-Doutoral”, a qual foi organizada por pós-doutorandos da Região Sul. Nesse sentido, é necessário situar os participantes sobre como foi construída a mesa e os temas para apresentação. Foram realizadas reuniões com pós-doutorandos da Região Sul sobre suas condições e seus contextos de pesquisa. Nesses diálogos, constataram-se inúmeras condições de pesquisa. Há pesquisadores de universidades públicas e privadas, com bolsa e sem bolsa, com atividades laborais e sem atividades laborais, com conexões internacionais, articulações entre instituições públicas e privadas do país. Constatou-se, ainda, a predominância de pesquisadoras mulheres nas reuniões, apontando para questões. Definido o cenário no qual se constituiu a mesa, este texto propõe-se a apresentar e problematizar emergências, potencialidades e desafios do pós-doutorado em perspectiva internacional, com base na vivência da pesquisadora, que realizou parte do seu estudo na Índia, com licença para estudos, sem bolsa.

Antes de aprofundar tais problematizações, não se pode desconsiderar o cenário único vivenciado no Brasil, a partir de 2020, no qual 688.267 mil pessoas morreram por Covid-19 (BRASIL, 2022). Essas mortes poderiam ser evitadas se as medidas do governo federal se pautassem na ciência. Ademais, o II Inquérito Nacional sobre Insegurança Nacional no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (PENSSAN, 2022) atesta que, no período da pandemia, houve agravamento das condições sociais da população brasileira, e 33,1 milhões de pessoas passam fome, de modo que mais da metade da população passa por algum nível de insegurança alimentar, seja leve, moderado ou grave. Nessa direção, considera-se que qualquer tipo de pesquisa no Brasil não pode naturalizar esse cenário, visto que é um dos países que tem a maior exportação mundial de *commodities* na produção de alimentos.

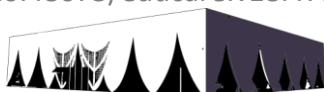


Junto a isso, a realidade econômica, política e ideológica do país opera por meio de discursos de ódio e pela propagação de falsas informações. Grupos que estavam nas partes subterrâneas do país ganharam força e estão nas ruas difundindo um projeto de nação fascista, utilizando a religião como forma de manipular seu povo e ao mesmo tempo propagando ideias misóginas, racistas, desprezo aos direitos humanos, aos intelectuais e aos artistas.

A ciência, a cultura, as universidades e a arte foram e são hostilizadas, desmoralizadas pelo projeto de nação pautado na militarização da política, que visa à destruição da democracia e, em decorrência, a destruição das instituições públicas. O orçamento das universidades públicas nos últimos anos revelou expressivos cortes orçamentários por parte do governo federal, bem como cortes em financiamentos à pesquisa em diversas áreas da ciência, arte, cultura e tecnologia.

Portanto, é nesse cenário brasileiro que o estudante de pós-graduação está realizando seu mestrado, doutorado ou pós-doutoramento. Isto é, a realidade de pesquisa desses pesquisadores está imersa num contexto radical de barbárie, em que o fascismo do século XXI “é assim um fascismo ultraliberal no qual o individualismo extremado e a razão do ‘homem lobo do homem’ predominam como norma” (ROIO, 2017, p. 15). A razão iluminista, sobretudo aquela fundada por Kant (1991), que defende a atitude crítica e a capacidade de pensar por si próprio, e que não se deixa manipular e dominar, deu lugar a uma razão sem deliberação. A política, a ciência e o conhecimento foram orientados por sentimentos de ódio e uma razão bárbara, desprovida de deliberação ou raciocínio crítico.

Ademais, é importante ressaltar que boa parte da sociedade brasileira defende esse projeto de nação e de conhecimento. Portanto, está-se diante de um quadro dramático e frustrante, posto que a formação crítica do povo brasileiro está fragilizada. Esse contexto convoca os educadores/pesquisadores para um desafio distinto das formações anteriores, visto que se está diante de dois cenários de proporções profundas, o primeiro se expressa pelo “fascismo ultraliberal” (ROIO, 2017, p. 15), e o segundo pela pandemia do coronavírus. Esses cenários

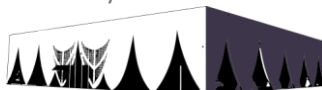


sinalizam a necessidade de mudanças “profundas que implicam questionar o modelo civilizacional que dominou nos últimos seis séculos” (SANTOS, 2021, p. 232), baseado em três polarizações fatais:

[...] a sociedade contra a natureza, o indivíduo contra a comunidade, o imanente contra o transcendente - que se cristalizaram na tríplice dominação que caracteriza a modernidade eurocêntrica: capitalismo, colonialismo e patriarcado. Conseqüentemente veio dar uma nova legitimidade, e até urgência, ao debate civilizacional. Considerar que a disfuncionalidade do modelo civilizacional atual constitui uma forma de barbárie implica apontar para a necessidade de conhecer outros modelos de vida em sociedade e com a natureza e, a partir deles pensar outras possibilidades de vida em sociedade e com a natureza e, a partir deles, pensar outras possibilidades de vida; refiro-me a modelos de vida num planeta finito em recursos naturais e, portanto, esgotável, modelos de sociabilidade baseados em ontologias e epistemologias que garantam equilíbrios dinâmicos entre indivíduo e comunidade, entre o real e o ainda-não, modelos de espiritualidades (não de religiões) que liguem o imanente ao transcendente e deem à defesa da vida uma prioridade e uma dignidade mais amplas. Ao contrário das utopias modernistas, não necessitamos de uma visão monolítica, complexa e fechada do que pode ser esse novo modelo (SANTOS, 2021, p. 247).

Para Santos (2021), até o presente momento a humanidade conduziu mal a vida em sociedade, com a natureza, com as conexões entre indivíduo e comunidade e com as relações entre imanência e transcendência. Com base nisso, o autor ressalta a necessidade e a urgência de se iniciar uma discussão sobre um novo modelo civilizacional, baseado “num conjunto de modelos civilizacionais convergentes” (SANTOS, 2021, p. 250), não eurocêntrico, cosmopolita e intercultural. Refletir sobre outro modelo civilizacional traz implicações à ciência, ao conhecimento e à formação dos pesquisadores nos diversos programas de pós-graduação do país ou daqueles que estão fazendo suas formações em outros países.

Nesse sentido, algumas questões se colocam à pesquisa e à formação dos pesquisadores. Em quais perspectivas ontológicas e epistemológicas se movem suas formações? As pesquisas estão a serviço de quem e com quais finalidades? Elas expressam compromisso com o desenvolvimento de uma vida digna para todos? Essas pesquisas têm responsabilidade ética e ambiental em perspectiva



global? Há espaço para o diálogo intercultural e conexões solidárias entre países? E, por fim, as pesquisas e formações estão buscando formas para enfrentar desafios globais?

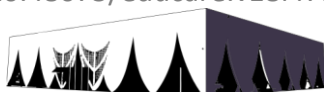
As questões acima interrogam se as pesquisas estão indo na direção de outro modelo civilizacional, com o compromisso de uma integração solidária entre os países. Nessa direção, é preciso esclarecer que a pesquisa em perspectiva internacional defendida neste texto não é vista como um meio para progredir as universidades nos índices de ranqueamentos e benefícios econômicos e comerciais; a ênfase é discutir a necessidade de uma integração solidária entre os países e pesquisas comprometidas com os desafios globais, cidadania global e uma ética intercultural (ASTRAIN, 2021).

Por conseguinte, este texto se propõe, a partir dos estudos de Jane Knight (2020), a problematizar alguns conceitos e tendências da internacionalização, potencialidades e desafios da pesquisa no Estágio Pós-Doutoral, a partir da vivência da pesquisadora no Brasil e na Índia. Por fim, são apontadas sínteses sobre desafios e possibilidades para o fortalecimento da pesquisa, em perspectiva internacional.

## **2 CONCEITOS E TENDÊNCIAS DA INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR**

É fato que a internacionalização está na agenda nos últimos anos, tanto de organismos internacionais e governos quanto da gestão de instituições de ensino superior, sobretudo dos Programas de Pós-Graduação.

O termo internacionalização, embora seja utilizado de muitas maneiras e com diversas intencionalidades, por vezes pode se tornar uma expressão “que designa qualquer coisa internacional relacionada com a educação superior” (KNIGHT, 2020, p. 22). Esse uso gera confusões por parte das instituições de ensino e formuladores das políticas.



A definição de internacionalização elaborada por Jane Knight (2020) é de que ela ocorre “nos níveis nacional, institucional e setorial como o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções ou na oferta de instituições e sistemas de educação pós-secundária” (KNIGHT, 2020, p. 26). Trata-se, portanto, de um conceito abrangente, permitindo maior universalidade. A autora não propõe preceitos, visto que compreende a autonomia dos contextos na elaboração de finalidades e objetivos relevantes para os processos de internacionalização. Todavia, Knight deixa claro, em seus textos, sua inclinação a uma internacionalização crítica, intercultural, voltada à responsabilidade social e contrária aos interesses de uma educação mercadológica, baseada na competitividade, ranqueamento e comercialização.

Há muitas razões que movem a internacionalização, de tal modo que as demandas de cada tempo histórico definem os principais motivos para o âmbito acadêmico, econômico, político e social. Segundo Knight (2020), as razões que movimentaram a internacionalização em 2020, em nível individual, visaram à expansão de visão de mundo na esfera nacional e internacional, ascensão na carreira, compreensão intercultural e desenvolvimento de redes de pesquisas internacionais.

No âmbito institucional, o foco foi a melhoria da qualidade, desenvolvimento de pesquisa e inovação, formação dos docentes, discentes e técnicos, produção de conhecimento, articulações estratégicas e geração de renda. Em nível nacional, a ênfase foi o desenvolvimento da nação, os recursos humanos, profissionais qualificados, intercâmbios comerciais e uma ética diplomática. É necessário compreender as motivações de cada instância para perceber os interesses para com a internacionalização e como isso se reflete nas políticas e programas desenvolvidos pelos países, regiões, instituições, entre outros.

No que se refere às formações em perspectiva internacional, há a possibilidade de ocorrerem em casa e na mobilidade para o exterior. Em casa, as formações podem se conectar com qualquer instituição localizada no exterior e no país, participando-se de disciplinas, seminários, bancas no formato on-line,



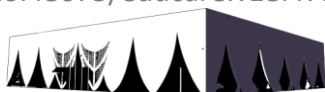
estabelecerem-se relações com grupos culturais e étnicos locais e de outros países, entre outros modos. Quanto à mobilidade para o exterior, denominada educação transfronteiriça (KNIGHT, 2020), trata-se do movimento que cruza fronteiras nacionais, podendo ocorrer na modalidade presencial, híbrida ou virtual.

Ademais, Knight (2020) menciona que muitas universidades renomadas estão se deslocando para inúmeros países, não sendo necessário realizar a formação no local de origem da instituição. Trata-se da universidade binacional, que envolve “instituições localizadas em países diferentes que formam uma parceria para criar uma nova instituição independente de educação superior no país de uma das parceiras” (KNIGHT, 2020, p. 37). Geralmente, as finalidades dessas instituições são para captar mais estudantes, com vistas a um impacto na política de ranqueamento.

Quanto às formações, é relevante fazer um levantamento para se verificar em qual direção os programas de pós-graduação em Educação do país estão se movimentando e para qual(is) país(es). Além disso, conhecer os valores e as finalidades dos programas para investir na internacionalização e, ainda, quais missões de trabalho estão ocorrendo. Sabe-se que a internacionalização dos programas de pós-graduação nas IES tem sido evidenciada, devido à ampliação dos critérios de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A internacionalização, nesse contexto, tornou-se um dos fatores de indicação de qualidade dos programas.

Contudo, comumente, o engajamento dos programas de pós-graduação vão na direção de alcançar níveis mais elevados no seu processo de internacionalização, dentro de uma abordagem na qual a avaliação e os *rankings* são elementos centrais de qualidade. Em contrapartida, há pouco investimento na formação de docentes e na oferta de disciplinas em línguas estrangeiras. Essa formação geralmente ocorre por iniciativa própria do docente, como forma de potencializar a internacionalização nas IES.

Ademais, os rankings mundiais para aferir as melhores universidades utilizam indicadores que dificultam a participação das universidades brasileiras.



Por exemplo, a Universidade de Harvard, que figura em primeiro lugar nas principais agências de *rankings*, sobretudo por possuir várias personalidades que venceram o Prêmio Nobel, Prêmio Pulitzer, entre outros. O Brasil nunca ganhou um Prêmio Nobel, por diversas circunstâncias, mas a questão é que tal critério para medir a qualidade de uma instituição não se aplica ao Brasil. Outro indicador é a publicação em revistas científicas mais prestigiosas do mundo, como a *Nature* e *Science*, as quais cobram taxas altíssimas para a publicação de artigos com acesso aberto a todos os leitores.

Uma pesquisadora brasileira mencionou a Revista Piauí, sendo uma “aberração o que estão cobrando, isso é o preço de um carro” (PIAUÍ, 2020). Tal situação afeta os pesquisadores que trabalham com recursos limitados, os quais têm de escolher entre comprar material para desenvolver suas pesquisas ou publicar nessas revistas. Nos referidos casos, a escolha é contraditória, visto que, sem material, não se realiza pesquisa. Estes e outros fatores excluem as universidades brasileiras dos indicativos para medir a qualidade de uma instituição no campo da internacionalização. O formato não tem aderência à perspectiva de internacionalização vivenciada nas universidades brasileiras, portanto, faz-se necessário rever o foco da internacionalização, suas finalidades, conceitos e funções.

O presente texto reflete acerca de outras formas de interação e indicadores no âmbito da internacionalização. Considera-se que há pouca reflexão sobre as ações dos programas numa perspectiva crítica e solidária, como aborda Streck (2021), o qual destaca que a internacionalização da educação, em “perspectiva solidária, abarca as práticas educativas, investigativas e de gestão que capacitam as pessoas para o exercício e a vivência da cidadania fundada na interculturalidade respeitosa e crítica em nível transfronteiriço”. Steck aborda uma dimensão da internacionalização que se expande a todos os níveis da educação, não mais restrita à educação superior. Propõe, também, que a formação de educandos e educadores/pesquisadores seja para o exercício e a vivência da cidadania numa perspectiva global e ancorada numa ética intercultural.





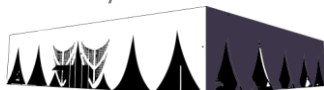
Ora, não há dúvida que uma internacionalização que transite por esses parâmetros inspira interações mais altruístas, humanistas, entre universidades latino-americanas, europeias, estadunidenses, africanas e asiáticas. Por sua vez, não se está querendo dizer que existe apenas uma forma de fazer internacionalização, tampouco que ela é um fim em si mesma, mas, como menciona Knight (2020, p. 42), trata-se de “fortalecer e reforçar os valores da cooperação, do intercâmbio e da parceria para benefício mútuo”, de modo que a educação e a pesquisa sejam utilizadas para estabelecer conexões entre os países cuja finalidade seja enfrentar desafios globais fundamentados numa ética intercultural.

Com base nessa discussão, será desenvolvido o subtítulo a seguir, que tem por objetivo apresentar a vivência da pesquisadora no Estágio Pós-Doutoral, considerando algumas potencialidades e desafios no contexto internacional.

### **3 POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL EM PERSPECTIVA INTERNACIONAL**

O Estágio Pós-Doutoral refere-se a um estágio de pesquisa e estudos que se inicia após o doutorado. Ao fim desse processo de pesquisa, recebe-se um certificado - e não um diploma - de pós-doutor, porque não se trata de um título, mas de um processo de maturidade intelectual, em queo pesquisador desenvolve seu estudo com mais autonomia, configurando um espaço de diálogo com os pares, sobretudo com o supervisor, que irá acompanhar a pesquisa por um determinado tempo, podendo abranger alguns meses ou até anos.

O Estágio Pós-Doutoral desta pesquisadora teve duração de um ano e seis meses, e no decorrer do estudo foi possível ficar um período na Índia, com o objetivo de dialogar com pesquisadores que estudam a educação neo-humanista e conhecer o trabalho das escolas neo-humanistas propostas pelo filósofo Prabhat Ranjan Sakar (1921-1990).

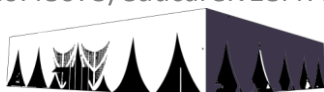


Por meio dessa conexão, foi possível vivenciar a internacionalização no pós-doutorado. Mas a dimensão pedagógica da internacionalização nas pesquisas, suas tendências e finalidades, iniciaram-se antes do ingresso no pós-doutorado. Ressalta-se que o supervisor deste estudo de pós-doutorado, em 2020, ofertou um Seminário em inglês sobre Educação para Cidadania Global. O seminário oportunizou compreender e ampliar a visão acerca do que significa uma pesquisa em perspectiva internacional, para além dos critérios de avaliação da CAPES. Tratou-se de reconhecer que os temas de pesquisa, áreas de estudo e a visão de cidadania não podem estar restritos ao estado-nação, haja vista que há questões que ultrapassam fronteiras, a exemplo da pandemia e a crise climática.

Chomsky (2020) faz um alerta, na obra *Internacionalismo ou extinção*: reflexões sobre as grandes ameaças à existência humana, quanto à urgência de conscientização e entendimento das tribulações e injustiças que assolam o mundo, e as ameaças existenciais.

Certamente, boa parte dos objetos de estudo dialogam com pesquisas e pesquisadores internacionais. Não obstante, essas relações não abrangem um número considerável de pesquisadores do país por inúmeras questões, dentre as quais duas são relevantes no contexto: formação de pesquisadores/docentes em línguas estrangeiras e a oferta de disciplinas em diversas línguas. Essas questões são desafios que se colocam à internacionalização na esfera institucional, sobretudo aos programas de pós-graduação nas instituições de ensino superior. É preciso que os programas adotem estratégias para formar seus pesquisadores e estudantes de modo que possam ter domínio de outro idioma, visto que a formação geralmente ocorre no âmbito individual. Em decorrência, são esses pesquisadores que dão destaque para seus programas de pós-graduação, obtendo os melhores resultados nas avaliações da CAPES.

Outro desafio no Estágio Pós-Doutoral, em perspectiva internacional, refere-se ao financiamento da pós-graduação. De 2016 a 2022, muitas instituições perderam as bolsas institucionais. É fato que a qualidade da pós-graduação depende da quantidade de recursos disponíveis e um processo de



internacionalização de qualidade requer financiamento e formação dos pesquisadores. Ademais, os Programas nota 6 e 7 que possuem uma sólida base em internacionalização são os que têm acesso a bolsas de estudo no exterior, por meio de programas governamentais e auxílios internacionais, como publicação, participação em eventos, revisão, tradução, entre outros.

É decisivo estabelecer outros critérios por parte das agências de fomento, de modo que todos os programas de pós-graduação do país contem com bolsas institucionais para seus pesquisadores poderem realizar pesquisas no exterior.

Quanto ao acesso aos periódicos internacionais, no portal da CAPES há muitos periódicos gratuitos, entretanto, há revistas internacionais que cobram para ter acesso ao seu conteúdo. Trata-se de editoras comerciais que utilizam a pesquisa para acumular recursos, desde a publicação até a circulação. Portanto, o pesquisador efetua um pagamento para publicar sua pesquisa na revista e os leitores realizam o pagamento para ter acesso ao estudo. Esta pesquisadora vivenciou a referida situação na Índia, em que, para ter acesso a artigos sobre seu objeto de estudo, teria de pagar 150 dólares. Considerando as condições de trabalho e salariais dos pesquisadores latino-americanos, fica inacessível o acesso e a publicação nessas revistas. Portanto, essa situação é um desafio aos programas de pós-graduação e às políticas.

Em síntese, no que se refere aos desafios em perspectiva internacional, ressalta-se a urgência de bolsas institucionais de pós-doutorado não apenas aos programas com nota 6 e 7 na última avaliação quadrienal da CAPES, os quais tem acesso a bolsas de estudo, por meio de programas governamentais, mas a todas as instituições de ensino superior que fazem pesquisa. Democratizar o acesso às bolsas e aos auxílios, tais como revisão, tradução, custos com as revistas, publicação de livros, participação em eventos, implica repensar as políticas, os critérios e o conceito de internacionalização nos programas.

Nesse sentido, defende-se que a política de internacionalização do país e dos programas de pós-graduação reflita sobre o pós-doutorado em contextos de internacionalização desde uma perspectiva pedagógica, crítica e solidária, como



aborda Streck (2021). Para além dos critérios de avaliação da CAPES, a experiência de internacionalização na formação dos pesquisadores amplia a sua visão de mundo, conectando-os com a diversidade de povos, sobretudo em tempos em que “o destino comum é agora mais do que nunca a afirmação do futuro comum” (SANTOS, 2021, p. 250).

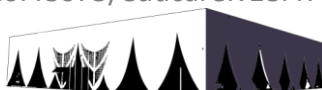
A estreita relação entre internacionalização e interculturalidade crítica produz impacto na formação dos pesquisadores, os quais passam a relacionar-se e a aprender com povos de várias localidades do mundo, sem anular sua identidade. Trata-se de interação, diálogo intercultural, (re)conhecimento e novos processos de (re)invenção na esfera global, regional e nacional, seja por meio da mobilidade física, virtual ou outro meio de comunicação.

Todavia, a mobilidade acadêmica proporciona uma vivência mais densa ao pesquisador, porque está em contato direto com a cultura e as relações sociais dos países. É a experiência da internacionalização na prática.

Nesse sentido, as conexões realizadas pela pesquisadora no Estágio Pós-Doutoral junto a pesquisadores da Índia e escolas indianas possibilitaram ampliar as parcerias em projetos, grupos de estudo, publicações coletivas em revistas internacionais e nacionais, organização de dossiês e participação em seminários na universidade. Essa experiência potencializa a internacionalização na universidade em que a pesquisadora realiza seu trabalho. Em contrapartida, a ausência de bolsa de estudo durante o pós-doutorado limitou muitas frentes de trabalho e sobrecarregou compromissos financeiros.

## 4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O objetivo deste artigo foi apresentar e problematizar emergências, desafios e potencialidades do Estágio Pós-Doutoral, em perspectiva internacional, com base na vivência da pesquisadora, que realizou parte do seu estudo na Índia.

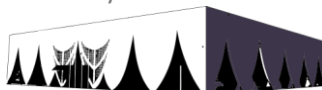


No que se refere às emergências, trata-se de refletir se as pesquisas de pós-doutorado estão indo na direção de outro modelo civilizacional, como menciona Santos (2021), e se este modelo está comprometido com uma integração solidária, coordenada entre os países, universidades e pesquisas.

Quanto aos desafios, repensar/construir uma política de internacionalização que não seja submissa aos rankings mundiais e aos critérios das agências de fomento, mas que tenha como finalidade uma perspectiva pedagógica, crítica, solidária, autônoma, ancorada na cidadania global (STRECK, 2021) e numa ética intercultural (ASTRAIN, 2021). Ainda, a criação de espaços nas instituições de ensino superior para estudos e diálogos internacionais, formação de pesquisadores e estudantes nos programas de pós-graduação em cursos de idiomas e disciplinas, em diferentes idiomas; o financiamento da pós-graduação, visto que a qualidade depende disso, especialmente em garantir bolsas institucionais para pós-doutorado e o auxílio para a publicação em revistas internacionais.

Por fim, há muitas potencialidades na mobilidade dos pesquisadores em nível transfronteiriço, como o estabelecimento de redes de pesquisadores, projetos coletivos, grupos de estudo, publicações coletivas, organizações de dossiês, participação em eventos, seminários e disciplinas conjuntas, entre outros.

Ademais, os pesquisadores que vivenciam tal experiência passam a interagir e dialogar com diversas culturas, movimento que produz modificações na leitura de mundo, sobretudo quando fundamentado numa ética intercultural (ASTRAIN, 2021), a qual estabelece o diálogo intercultural sobre o sentido da vida em comum, sem anular as identidades culturais. Essa compreensão fortalece a pesquisa em perspectiva internacional por desenvolver uma relação global de interações e convivências, sem perder a identidade local.



## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Sistema Único de Saúde – SUS. **Painel Coronavírus**. 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 02 nov. 2022.

CHOMSKY, N. **Internacionalismo ou extinção**. São Paulo: Planeta, 2020.

ESTEVES, B. Ciência a peso de ouro. **Revista Piauí**, 14 dez. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br>. Acesso em: 2 nov. 2022.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

KNIGHT, J. **Internacionalização da Educação Superior: conceitos, tendências e desafios**. São Leopoldo: Oikos, 2020.

PENSSAN. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil** [livro eletrônico]. São Paulo, SP: Fundação Friedrich Ebert: Rede PENSSAN, 2022. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/06/seguranca-alimentar-covid-8jun-2022.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2022.

ROIO, M. D. Prefácio. In: FRESU, G. **Nas trincheiras do ocidente: lições sobre fascismo e antifascismo**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017. p. 9-15.

SANTOS, B. de S. **O futuro começa agora: da pandemia a utopia**. São Paulo: Boitempo, 2021.

STRECK, D. R. **Aula Magna: intitulada Internacionalização para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa**. Ponta Grossa, PR: UEPG, 2021.

Recebido em: 27-11-2022

Aceito em: 26-04-2023

